

**CONTRACOLONIZAR:
criação errante e filosoficamente menina no perguntar(-se).
Inspirações no pensamento quilombola de Nego Bispo¹**

Ceane Andrade Simões²
Walter Omar Kohan³

Resumo: Neste texto partimos da análise de uma entrevista realizada em novembro de 2021 com o proeminente intelectual quilombola Nego Bispo. Nesse valioso depoimento, Nego Bispo oferece uma crítica incisiva à educação institucionalizada hegemônica, destacando suas limitações e exclusões. Através de uma emocionante narrativa autobiográfica, convida-nos a imaginar e construir um mundo onde os espaços e relações pedagógicas possam ser vividos de forma mais livre, criativa e ligada às realidades comunitárias, valorizando tanto a cosmopercepção dos povos afroconfluentes e originários de Abya Yala quanto sua importante contribuição para dialogarmos sobre outras significações para a educação. Assim, inspirados nas reflexões de Nego Bispo e em sua pedagogia contracolonizadora, propomos os princípios do que chamamos de “criação errante” e de “filosofia menina da pergunta”. Esta proposta desafia as formas tradicionais de ensino, promovendo a aprendizagem por meio do constante questionamento e reconhecimento do saber coletivo, pois procura abrir caminhos para novas formas de convivência e aprendizagem. Como Nego Bispo nos ensina, o pensamento colonial e suas palavras nos dominam. Assim, é preciso criar, além de um novo vocabulário, uma nova gramática para os nossos imaginários e, junto deles, outras vidas educadoras. É nesse contexto que apresentamos uma criação errante e filosoficamente menina no perguntar(-se) à busca de novos sentidos em Abya Yala.

Palavras-chave: Contracolonizar; Filosofia menina da pergunta; Nego Bispo; Criação errante; Pensamento quilombola.

**COUNTERCOLONIZE:
errant creation and philosophically childlike (self)questioning.
Inspirations in Nego Bispo's quilombola thinking**

Abstract: In this text, we analyze an interview conducted in November 2021 with the prominent quilombola intellectual Nego Bispo. In this valuable

¹ Agradecemos os revisores anônimos pelas significativas palavras que ajudaram a aprimorar este texto e o financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq/ processos 310553/2023-7 e 420760/2023-7 e da Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro - FAPERJ/ processo E26-201.039/2022.

² Professora Adjunta da Universidade do Estado do Amazonas. E-mail: ceane@uea.edu.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2116-1332>

³ Professor titular da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: wokohan@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2263-9732>

testimony, Nego Bispo offers an incisive critique of hegemonic institutionalized education, highlighting its limitations and exclusions. Through a moving autobiographical narrative, he invites us to imagine and build a world where pedagogical spaces and relationships can be experienced in a freer, more creative way, and connected to community realities, valuing the cosmoperception of the Afro-confluent and indigenous peoples of Abya Yala and their important contribution to the dialogue on other meanings for education. Thus, inspired by Nego Bispo's reflections and his counter-colonizing pedagogy, we propose the principles of what we call “errant creation” and “childlike philosophy of the question”. This proposal challenges traditional forms of teaching, promoting learning through constant questioning and recognition of collective knowledge, seeking to open paths for new forms of coexistence and learning. As Nego Bispo teaches us, colonial thought and its words dominate us. Thus, it is necessary to create, in addition to a new vocabulary, a new grammar for our imaginations and, along with them, other educational lives. It is in this context that we present an “errant and philosophically childlike creation in the (self)questioning” in the search for new meanings in Abya Yala.

Keywords: Countercolonize; Childlike philosophy of the question; Nego Bispo; Errant Creation; Quilombola Thought.

CONTRACOLONIZAR:

creación errante y filosóficamente niña en el preguntar(se). Inspiraciones a partir del pensamiento quilombola de Nego Bispo

Resumen: En este texto partimos del análisis de una entrevista realizada en noviembre de 2021 al destacado intelectual quilombola Nego Bispo. En este valioso testimonio, Nego Bispo ofrece una crítica incisiva a la educación institucionalizada hegemónica, destacando sus limitaciones y exclusiones. A través de una apasionante narrativa autobiográfica, nos invita a imaginar y construir un mundo donde los espacios y las relaciones pedagógicas puedan vivirse de una manera más libre, creativa y vinculada a las realidades comunitarias, valorando la cosmopercepción de los pueblos afroconfluentes e indígenas de Abya Yala. y su importante contribución al diálogo sobre otros significados para la educación. Así, inspirados en las reflexiones de Nego Bispo y su pedagogía contracolonizadora, proponemos los principios de lo que llamamos “creación errante” y “filosofía niña del preguntar(se)”. Esta propuesta desafía las formas tradicionales de enseñanza, promoviendo el aprendizaje a través del constante cuestionamiento y reconocimiento de los saberes colectivos, buscando abrir caminos para nuevas formas de convivencia y aprendizaje. Como nos enseña Nego Bispo, el pensamiento colonial y sus palabras nos dominan. Así, es necesario crear, además de un nuevo vocabulario, una nueva gramática para nuestros imaginarios y, junto con ellos, otras vidas educativas. Es en este contexto que presentamos una creación errante y filosóficamente niña en el preguntar-se en la búsqueda de nuevos significados en Abya Yala.

Palabras clave: Contracolonizar; Filosofia niña del preguntar(se); Nego Bispo; Creación errante; Pensamiento quilombola.

INÍCIO-MEIO-INÍCIO: PALAVRAS

O pensamento colonial e suas palavras nos dominam. Talvez esse não pareça um começo de conversa animador, mas é uma constatação irrefutável. Trata-se de um diagnóstico de uma condição instituída ao longo de séculos de imposição colonial em Abya Yala, oferecido, dentre outros, pelo pensador quilombola brasileiro Antônio Bispo do Santos, cuja contribuição intelectual profícua reverbera para além de sua recente partida, aos 63 anos de idade, no dia três de dezembro de 2023.

Antônio Bispo do Santos, conhecido como Nego Bispo, pensador quilombola territorializado na comunidade Saco-Cortume, no estado do Piauí, no Nordeste brasileiro, ancestralizou e nos deixou não apenas diagnósticos, mas uma densa sabedoria, cultivada na inteireza de sua existência, transitando através do espaço e tempo de sua vivência comunitária quilombola, na sua roça e nas confluências – conceito intrínseco ao seu pensamento – com as cidades e suas instituições, em sua profusão de desafios e violências. Autodeclarado “lavrador” – que, sua perspectiva, significa muito mais que ser um “intelectual” –, suas ideias e a força contundente da expressão de suas palavras foram acolhidas em uma miríade de publicações, intervenções públicas, conversas e entrevistas concedidas, cuja fortuna crítica começa a ganhar grande impulso no Brasil. Pode-se dizer que foi um lavrador-tradutor de saberes, uma vez que, sendo a primeira pessoa da sua família a se alfabetizar, lhe coube o compromisso de se constituir um tradutor com dupla tarefa: traduzir a língua escrita para a oralidade, e os saberes de seu povo – inscritos na oralidade – para a língua escrita; e, assim, mediar conflitos com o Estado opressor e excludente em sua conformação, que invalida as práticas baseadas na oralidade e no pertencimento aos territórios. Como ele mesmo já disse:

Quando provoço um debate sobre a colonização, os quilombos, os seus modos e suas significações, não quero me posicionar como um pensador. Em vez disso, estou me posicionando como um tradutor. Minhas mães velhas e meus pais velhos me formaram pela oralidade, mas eles mesmos me colocaram na escola para aprender, pela linguagem escrita, a traduzir os contratos que fomos forçados a assumir. [...] Os contratos do nosso povo eram feitos por meio da oralidade, pois a nossa relação com a terra era através do cultivo. A terra não nos pertencia, nós é que pertencíamos à terra. Não dizíamos “aquela terra é minha” e, sim, “nós somos daquela terra”. [...] Então o nosso povo resolveu que alguém de nós deveria saber ler e escrever para enfrentar essa situação. Fui formado para isso e faço isso até hoje. Por isso digo que não sou pensador, mas um tradutor do pensamento do meu povo (Bispo dos Santos, 2023b, p. 8-9).

É muito potente esse primeiro gesto de tradução que Nego Bispo nos oferece: de intelectual para tradutor, a passagem é de alguém que se situa na origem para alguém que se situa no meio; de alguém que pensa num mundo, para alguém que pensa, pelo menos, em dois mundos — da unidade para a pluralidade.

Nego Bispo é autor de livros que ganharam notoriedade no meio acadêmico e nos movimentos populares, especialmente durante o período pandêmico, quando a sua voz ecoou pelos “quatro cantos”, a partir do Quilombo Saco-Cortume, por meio das plataformas digitais — ocasião em que contava com a ajuda e suporte de seu neto, a quem sempre fazia referência. Eram muitas e muitas “lives” tentando dar voz a muitas vidas. Seu primeiro livro publicado, *Colonização, Quilombos: modos e significações* (Bispo dos Santos, 2015), e seu mais recente, *A terra dá, a terra quer* (Bispo dos Santos, 2023a), dão concretude e transcrevem a sua oralidade afrodiaspórica e afroconfluente, bem como significam um movimento de retorno e retomada na forma de *início-meio-início* (Bispo dos Santos, 2022), que não pretende ser de chegada, resposta ou fim. Quiçá, esse movimento também possa ser lido como uma aposta em percepções e sensibilidades pluriversais e contra-hegemônicas: não influentes, mas confluentes; não monoculturais, mas bioculturais. Ou seja, *início-meio-início* é uma gira, um círculo que coloca a vida em relação e diálogo orgânico, pois “[...] para nós não existe fim, sempre demos um jeito de recomeçar” (Bispo dos Santos, 2023b, p. 11). Ou seja, trata-se também de um movimento gerativo e gerador, nascedouro de mundos *outros*.

Como poeta, Nego Bispo nos presenteou com sua sagacidade e a vivacidade em versos, como quando escreve:

Fogo!... Queimaram Palmares,
Nasceu Canudos.
Fogo!... Queimaram Canudos,
Nasceu Caldeirões.
Fogo!... Queimaram Caldeirões,
Nasceu Pau de Colher.
Fogo!... Queimaram Pau de Colher...
E nasceram, e nascerão tantas outras comunidades
que os vão cansar se continuarem queimando.
Porque mesmo que queimem a escrita,
Não queimarão a oralidade.
Mesmo que queimem os símbolos,
Não queimarão os significados.
Mesmo queimando o nosso povo,
Não queimarão a ancestralidade (Bispo dos Santos, 2015).

O poema, ao mesmo tempo, denuncia e afirma, condena e restitui. Nas suas quinze linhas, “queimar” e “nascer” são os verbos que mais o povoam. “Queimar” é usado não apenas para denunciar as ações mais brutais do colonialismo, mas também para afirmar a impossibilidade de destruir povos e a sua ancestralidade. Desse modo, a resposta à pretensão do queimar é o nascer e o renascer, a afirmação do começo e recomeço.

Assim, continuaremos a (re)existir apesar dos ataques coloniais, vivendo – como vivemos – num mundo de capitalismo cada vez mais ofensivo à vida na Terra. Por isso, contracolonizar é também afirmar nossos modos de resistência, existência, pertencimento e ancestralidade, que confrontam a estrutura perversa das diversas explorações. Nesse sentido, estarmos conectadas ao nosso pertencimento e à ancestralidade não significa dizer, em hipótese alguma, que estamos estáticas, mas sim em movimento; não em rendição, mas em reedição constante, nascendo e renascendo, retomando.

Acolher o pensamento de Nego Bispo e sua pedagogia contracolonizadora nos ajuda a criticar as palavras e pensamentos coloniais. O primeiro deles é a noção de desenvolvimento – um dos pilares do eurocentrismo – tão supostamente autoevidente e valorizada nas sociedades modernas e nas práticas escolares. De forma geral, ele supõe a existência de vidas mais e menos

importantes dentro de um sistema de hierarquias. É um conceito que inferioriza e diminui os diferentes modos de vida. Aplica-se tanto às vidas pessoais quanto a grupos sociais e povos inteiros: assim, segundo esse pensamento colonial, pensa-se que a criança é um ser menos desenvolvido que o adulto, e que algumas nações são menos desenvolvidas que outras. Quando produzimos a torção da referida noção colonial, a colocamos em confronto com uma outra ideia: o envolvimento, segundo Nego Bispo (Bispo dos Santos, 2015).

Pensando nisso, também buscamos encontrar outros lugares para a escrita que não estejam apartados da vida, assim como a oralidade não está, pois, segundo ele, “[...] é na oralidade que as palavras têm vida” (Bispo dos Santos, 2022, p. 36). Dessa forma, na segunda parte do texto, partiremos da análise de uma entrevista realizada por um dos autores com Nego Bispo em novembro de 2021 (Bispo dos Santos, no prelo). Neste valioso depoimento, Nego Bispo oferece uma crítica incisiva à educação institucionalizada hegemônica, destacando suas limitações e exclusões. Através de uma emocionante narrativa autobiográfica, convida-nos a imaginar e construir um mundo onde os espaços e relações pedagógicas possam ser vividos de forma mais livre, criativa e ligada às realidades comunitárias, valorizando a cosmo percepção dos povos afroconfluentes e originários de Abya Yala e a sua importante contribuição para dialogarmos sobre outras significações para a educação.

Na terceira parte, ousando nomear a partir de modos outros de estar no mundo, propomos os princípios do que chamamos de “criação errante e filosoficamente menina no perguntar(-se)”. Essa proposta desafia as formas tradicionais de ensino, promovendo a aprendizagem através do constante questionamento e reconhecimento do saber coletivo, pois procura abrir caminho não só para novas formas de convivência, pensamento e aprendizagem, como também para formas de vida outras. Assim, entendemos que é preciso criar, além de um novo vocabulário, uma nova gramática para nossos imaginários e, junto destes, novas práticas e outras vidas educadoras.

“E ISSO NÃO ERA EDUCAÇÃO, ISSO ERA CRIAÇÃO”: POR UMA EDUCAÇÃO CONTRACOLONIZADORA?

Como um lavrador-tradutor, Nego Bispo expressou a luta contra o colonialismo. Mas o que é colonizar e, sobretudo, o que significa contracolonizar na sua perspectiva quilombola afroconfluente? Uma das expressões do colonialismo é o regime de subjugação dos povos pertencentes às matrizes culturais originárias, africanas e afrodiaspóricas. No território chamado Brasil pelos povos colonizadores eurocristãos, demarca-se, a partir dos anos de 1500, o processo exploratório com a dizimação dos povos originários e a escravização dos povos desterritorializados de África. Ocorre que a “herança” decorrente dessa etapa não se encerrou em 1888, ano da chamada abolição da escravatura no país, e tampouco em 1988, com a promulgação da primeira Constituição da República Federativa do Brasil (“constituição cidadã”) a reconhecer a pluralidade étnica do país, bem como a reconhecer os povos indígenas, sua organização social, culturas, crenças, línguas e o direito originário sobre os territórios que tradicionalmente ocupam.

O legado da colonização ainda segue se desdobrando em humilhações, atropelamentos, expropriações, negações e interdições às formas de vida comunitária diferentes e divergentes da matriz colonial, assim como numa organização social que as exclui, diminui e despreza. Exemplo disso são os conhecimentos dos povos de matriz originária e afrodescendente, oriundos de suas cosmologias e vivências, que passaram por centenas de anos ao largo do que é considerado o “pensamento social brasileiro”. Além disso, convivemos com a continuidade e persistência das múltiplas violências de Estado, como o etnocídio, a negação dos direitos constitucionais consagrados – sobretudo o direito à terra –, a continuidade da estigmatização social dos indígenas e afrodescendentes e o epistemicídio. Por isso, a contracolonização ainda hoje constitui uma pauta fundamental das (re)existências dos povos subjugados, uma vez que, para Nego Bispo, ela requer dismantelar a perpetuação do processo colonial, romper subserviências e “[...] reeditar as nossas trajetórias a partir de

nossas matrizes” (Bispo dos Santos, 2023b, p. 17). Com efeito, isso significa não nos perdermos nos referenciais teóricos dos colonialistas, mas analisar nossos próprios referenciais históricos (Bispo dos Santos, 2022), aguçar os nossos imaginários de coexistência e combater o adestramento (Bispo dos Santos, no prelo). Nisso reside a radicalidade do seu pensamento sobre a criação contracolonzadora e a crítica à educação oficial, que continua a reproduzir a lógica colonial.

Contracolonzar é tornar-se compartilhante. Portanto, uma vida contracolonzadora requer que compreendamos que somos seres compartilhando com outros seres no ambiente, pois não fazemos nada sozinhos. Ele diz:

Não fizemos os quilombos sozinhos. Para que fizéssemos os quilombos, foi preciso trazer os nossos saberes de África, mas os povos indígenas daqui nos disseram que o que lá funcionava de um jeito, aqui funcionava de outro. Nessa confluência de saberes, formamos os quilombos, inventados pelos povos afroconfluentes, em conversa com os povos indígenas. No dia em que os quilombos perderem o medo das favelas, que as favelas confiarem nos quilombos e se juntarem às aldeias, todos em confluência, o asfalto vai derreter! (Bispo dos Santos, 2023a, 45).

A perspectiva contracolonzadora é matéria de inspiração e alimento para outras sensibilidades. Nego Bispo analisa que, apesar de toda a violência que estrutura o território brasileiro e os ataques infligidos contra a vida comunitária, “nós não somos povos perdedores. [...] Não tenho cicatrizes da escravidão na minha memória, mas não discordo de quem trabalha com a imagem da cicatriz da escravidão” (Bispo dos Santos, 2023a, p. 15). Por isso, “reeditar as nossas trajetórias a partir de nossas matrizes” é uma expressão que ganha densidade ética, política e estética.

O artista e cientista político Matheus Ribs (2020) apura o sentimento dessa ideia ao criar a obra *Refundar o país, demarcar territórios* (Imagem 1), que acompanha a publicação *Terra: antologia afro-indígena* (Carnevalli et al.,

2023). Nessa obra, o artista alude aos nossos símbolos ancestrais⁴ — o ofá e a palmeira —, elaborando uma proposta imagética de refundação e de recomeços para a nossa “identidade nacional”. Assim, em vez do azul e amarelo, traz as cores preto e vermelho, preservando a cor verde — “pano de fundo” onde se realizam as nossas memórias bioculturais. E funde as palavras *KILOMBOALDEYA* como um amálgama entre povos e territórios ancestrais, contorcendo o imaginário positivista e binário de “ordem e progresso” que ocupa lugar central no pendão do nosso país e, desse modo, subverte a exaltação das imagens idílicas consagradas e romantizadas no hino à bandeira do Brasil, escrito por Olavo Bilac, no ano 1906:

Salve, lindo pendão da esperança
Salve, símbolo augusto da paz
Tua nobre presença à lembrança
A grandeza da Pátria nos traz
[...]

Em teu seio formoso retratas
Este céu de puríssimo azul
A verdura sem par destas matas
E o esplendor do Cruzeiro do Sul
[...]

Sobre a imensa nação brasileira
Nos momentos de festa ou de dor
Paira sempre sagrada bandeira
Pavilhão de justiça e do amor

Recebe o afeto que se encerra
Em nosso peito juvenil
Querido símbolo da terra
Da amada terra do Brasil

⁴ Antes da chegada dos colonialistas ao “Brasil”, os povos originários chamavam este território de Pindorama, Terra das Palmeiras. Por isso, na obra *Refundar o país, demarcar territórios*, de Matheus Ribs (2020), encontramos a palmeira e o arco e flecha — conhecido como ofá. O ofá é uma arma sagrada usada pelo orixá da religião iorubá, Oxóssi, que usa a arte de caçar para manter a vida da sua comunidade. Ele é o caçador das matas, também considerado um orixá de contemplação, amante das artes e das coisas belas. Dessa forma, a palmeira e o ofá simbolizam o encontro dos povos originários com os povos oriundos do continente africano, que fundam as nossas matrizes ancestrais.

Imagem 1 - Refundar o país, demarcar territórios



Fonte: Adaptado da obra *Refundar o país, demarcar territórios*, Matheus Ribs (2020).

Refundar o país, demarcar territórios é uma obra que simboliza uma possibilidade de recontar a nossa história⁵, considerando nela tudo o que foi excluído do moderno projeto de nação brasileira e de sua história oficial colonizadora: quilombos, territórios indígenas, periferias urbanas, assentamentos, reservas extrativistas, ocupações, favelas, terreiros, retomadas, florestas, semiárido... Refundar, reeditar e recontar partem de uma ideia muito importante no pensamento de Nego Bispo, que é o reconhecimento de uma aliança cosmológica existente entre os povos indígenas e afrodiaspóricos — os povos confluentes —, uma vez que:

[...] quando nós chegamos ao território dos indígenas, encontramos modos parecidos com os nossos. Encontramos relações com a natureza parecidas com as nossas. Houve uma grande confluência nos modos e

⁵ Muitas outras possibilidades de recontar e reeditar o nosso imaginário estético em torno da bandeira nacional têm sido propostas por artistas do Brasil. Foi o que estudou Ísis Daou (2024) ao se ocupar do dissenso estético provocado por esse símbolo nacional como pretensa representação coletiva. A autora organizou um acervo de 338 imagens, produzidas entre os anos de 2013 e 2023, reinterpretando a bandeira nacional.

nos pensamentos. E isso nos fortaleceu. E aí fizemos uma grande aliança cosmológica, mesmo falando línguas diferentes. Pelos nossos comportamentos, pelos nossos modos, a gente se entendeu. Isso aconteceu durante todo o período histórico colonialista e ainda acontece (Bispo dos Santos, 2023b, p.10).

Por isso, “Vivas! Vivas!”. Essa era a saudação usada por Nego Bispo que serve para dizermos que só estamos no começo.

No ano pandêmico de 2021, estivemos com Nego Bispo. No dia 17 de novembro daquele ano, o encontramos em sua casa, no Quilombo Saco-Cortume, em São João do Piauí, situado a cerca de 450 km da cidade de Teresina, capital do estado do Piauí. Com toda a sua veemência e irreverência, mas também com sua doçura e hospitalidade, ele nos falou sobre o significado de *criação* – em contraposição ao que se entende por *educação*. Os processos de criação têm origem intrínseca nos modos de vida comunitários e acontecem no enredamento das práticas cotidianas, no seu movimento e envolvimento comum. Não dependem do saber acadêmico. Para Nego Bispo, a educação (colonial) significa o oposto: representa um saber de concepção sintética, produzida para determinada finalidade, pois “grande parte do pensamento dos brancos é sintetizado. O pensamento produzido nas academias é um pensamento sintético. É um saber voltado para a produção de coisas” (Bispo dos Santos, 2023b, p. 13). Em nossa conversa, ele afirma:

Esse povo nunca viu os professores da academia e esse povo vivia bem. Tinha tempo pra passear. Tinha tempo pra fazer música, pra fazer poesia, pra fazer instrumento. Então, todas as cantigas eram compostas nas vivências, não precisava ter um compositor e um intérprete. O mesmo compositor, ele era um intérprete; o mesmo compositor, ele era um músico. Não tinha essa coisa da música ser afinada. A música era de acordo com as suas condições naturais. Se a sua voz era assim, você cantava assim. Se você tocava era assim... E isso não era educação, isso era criação. Quando chegou a educação, tudo isso acabou (Bispo dos Santos; Kohan; Pereira, 2025, p. 3).

Para ele, a criação é um saber orgânico e o saber orgânico é criação. Um saber não segmentado, não voltado para produzir utilidades, mas para viver, para “perder” o tempo, passear, compor cantigas, fazer um instrumento musical. Não é um saber que se especializa, que separa; muito pelo contrário,

é uma expressão da vida na sua inteireza, algo que Nego Bispo sugere como natural (“condições naturais”).

Em outras palavras, criação é aquilo que reafirma modos de existência. O saber especializado, representado pela educação formal, rompe com essas relações e vivências e põe fim à criação; estabelece, pois, finalidades alheias às formas de vida em comunidade; é vertical. Talvez possamos até dizer que esse saber especializado presente na educação hegemônica colonialista estabelece finalidades e interesses alienígenas que nada cria, apenas sintetiza, fabrica e (re)produz, para que sirva à reprodução e comercialização. “Então, minha crítica à educação é essa, porque é essa educação vertical, que mercantiliza o saber, então, esse saber mercantilizado, ele não dá conta de resolver as nossas questões” (Bispo dos Santos; Kohan; Pereira, 2025, p. 3). Em contrapartida, o saber dos povos tradicionais é ameaçador ao sistema porque, transmitido pela oralidade, não cobra nada por ele (Bispo dos Santos, 2023b).

Segundo Nego Bispo, “educação” é um nome ruim. As pessoas são educadas para trabalhar, para serem enquadradas, adestradas, adequadas ao sistema. E o trabalho, a partir da referência eurocristã, significa sofrimento, ao mesmo tempo que o ócio, o tempo livre, é condenado por essa matriz de pensamento. A educação, segundo ele, tornou-se um consenso, uma hegemonia, um *neg-ócio*. E toda hegemonia, por sua vez, é violenta e destrói as diversidades. “Só a palavra ‘educação’ já agride. Educar, ou seja, enquadrar, sabe? Limitar, moldar. Eu acho isso muito ruim. Essa própria palavra ‘educação’. Eu gosto da palavra ‘criação’” (Bispo dos Santos; Kohan; Pereira, 2025, p. 4).

“POR QUE É QUE COM TANTA EDUCAÇÃO, QUANTO MAIS EDUCA, MAIS AS PESSOAS SOFREM?”

Se, para Nego Bispo, de modo hegemônico a educação é um instrumento de exploração, “[...] porque não é educação, é adestramento”, a sua pergunta “Por que é que com tanta educação, quanto mais educa, mais as pessoas

sofrem?” (Bispo dos Santos; Kohan; Pereira, 2025, p. 5) é bastante pertinente e inquietante. Por que a permanente crise da educação? Por que a educação parece viver de sua crise? Essas perguntas nos fazem pensar de que modo temos colaborado direta ou indiretamente para a permanência do pensamento colonial em nossas instituições de ensino e nos chamam a atenção para as nossas práticas colonialistas.

Como um grande crítico das instituições formais de educação, Nego Bispo não retrocedeu centímetro algum na análise contundente sobre esses instrumentos coloniais institucionalizados que nada querem aprender com a diferença. Pelo contrário: exploram, saqueiam e pirateiam os saberes e as criações dos povos tradicionais. “Porque é o que está faltando. As universidades assumirem que não sabem certas coisas e perguntar para quem sabe, mas dizer: ‘É essa pessoa que sabe’” (Bispo dos Santos; Kohan; Pereira, 2025, p. 5).

De toda maneira, Nego Bispo ainda assim vislumbrou uma aposta na possibilidade da confluência entre saberes, o que chamou de “encontro de saberes”:

No dia em que as universidades aprenderem que elas não sabem, no dia em que as universidades toparem aprender as línguas indígenas — em vez de ensinar —, no dia em que as universidades toparem aprender a arquitetura indígena e toparem aprender para que servem as plantas da caatinga, no dia em que eles se dispuserem a aprender conosco como aprendemos um dia com eles, aí teremos uma confluência. Uma confluência entre os saberes. Um processo de equilíbrio entre civilizações diversas deste lugar. Uma contracolonização (Bispo dos Santos, 2023a, p. 17).

Um passo possível para esse encontro, que poderia significar alguma reparação nessa relação desigual e exploratória entre a academia e as comunidades tradicionais, contribuindo com o processo de retomada dos saberes, seria que os mestres dos saberes adentrassem as universidades em condições de igualdade e que os acadêmicos, as pessoas de dentro das universidades, possam “[...] ajudar a devolver para nós o que foi levado de nós” (Bispo dos Santos; Kohan; Pereira, 2025, p. 5). Assim, Bispo reitera:

[...] Por que a universidade não leva o nosso mestre para dar aula lá dentro em pé igualdade com os de lá? Por que que não leva? Então, ao invés de a universidade mandar seus alunos vir para as comunidades roubar os nossos saberes, sem nenhum benefício em troca para nós, por que ela não contrata o nosso povo para ir dar aula lá e deixa os alunos lá? (Bispo dos Santos; Kohan; Pereira, 2025, p. 5).

Nego Bispo falava que o saber dos povos confluentes é um saber de trajetória, um saber histórico de trajetória tão grande quanto o colonialismo. É um saber que fala na intimidade, na alma das pessoas e que se mantém ativo enquanto é compartilhado, fato que preserva viva a memória dos nossos ancestrais. É um modo de presentificá-los. E é esse o sentimento que emerge quando Bispo lembra de seu tio no leito de morte e dos ensinamentos que lhe foram dados para afirmar que a relação dos quilombolas com o saber é uma relação orgânica. Ele lembra e comenta as palavras do tio:

“Eu estou chorando porque eu lhe ensinei tudo que eu sabia, mas eu não sabia tudo que eu queria lhe ensinar.” Então, isso, sim, é que é criação. É você, sabe, falar pra a alma da pessoa, falar na intimidade. Como é que uma pessoa chora porque não sabia te ensinar o que gostaria que tu aprendesses? [...] “Olha, pois tudo que eu lhe ensinei, você vai ter que ensinar para outras pessoas. Enquanto você ensinar o que eu lhe ensinei, eu estou vivo. Se você parar de ensinar, você me mata. Porque a minha vida é esse saber” (Bispo dos Santos; Kohan; Pereira, 2025, p. 10).

O choro de ensinar tudo que se sabe, mas de não saber tudo que se quer ensinar. O choro de um criador. É um ensinamento que inspira: não sabemos tudo o que queremos ensinar; contudo, para ensinar o que queremos, é preciso falar para a alma das pessoas. Podemos dizer que este é um elo muito importante para nós: falar corpo a corpo, na alma, intimamente. Mas o que seria capaz de mobilizar esse sentimento e fortalecer uma relação de intimidade entre o pensamento e a vida? Para nós, as perguntas. Ao que nos parece, para Nego Bispo também:

As perguntas são as coisas mais importantes da nossa vida. Quem ensina, na verdade, são as perguntas. Porque quando você me pergunta, você me põe pra raciocinar. Ou você reativa a minha memória. Ou você ativa, você reativa, ou você me bota para pensar.

Então, as perguntas são as coisas mais importantes (Bispo dos Santos; Kohan; Pereira, 2025, p. 10).

NOSSAS JOGADAS PARA UMA EDUCAÇÃO CONTRACOLONIAL: UMA CRIAÇÃO ERRANTE E FILOSOFICAMENTE MENINA NO PERGUNTAR(-SE)

Paulo Freire é uma figura muito reconhecida e admirada entre as pessoas comprometidas com uma educação popular, a serviço do povo, nas terras de Abya Yala: uma referência. Contudo, Nego Bispo, na entrevista aqui trabalhada, colocou Paulo Freire como um oponente, dentro do que ele chama de pensamento colonialista eurocristão monoteísta. Num sentido, Nego Bispo tem muita razão: Paulo Freire afirmava um pensamento eurocristão; ele próprio o explicitava, pouco antes de morrer, no seguinte parágrafo:

Quando muito moço, muito jovem, eu fui aos mangues do Recife, aos córregos do Recife, aos morros do Recife, às zonas rurais de Pernambuco, trabalhar com os camponeses, com as camponesas, com os favelados, eu confesso, sem nenhuma choramingas, eu confesso que fui até lá movido por uma certa lealdade ao Cristo de quem eu era, mais ou menos, camarada. Mas o que acontece é que, quando chego lá, a realidade dura do favelado, a realidade dura do camponês, a negação do seu ser como gente, a tendência àquela adaptação (de que a gente falou antes), àquele estado quase inerte diante da negação da liberdade, aquilo tudo me remeteu a Marx. Eu sempre digo: não foram os camponeses que disseram a mim: “Paulo, tu já leste Marx?” Não, eles não liam nem jornal. Foi a realidade deles que me remeteu a Marx. E eu fui a Marx. E aí é que os jornalistas europeus nos anos setenta não entenderam a minha afirmação. É que quanto mais eu li Marx, tanto mais eu encontrei uma certa fundamentação objetiva para continuar camarada de Cristo. Então, as leituras que eu fiz de Marx, alongamentos de Marx, não me sugeriram jamais que eu deixasse de encontrar Cristo na esquina das favelas [...] Eu fiquei com Marx na mundaneidade, à procura de Cristo na trans-cendentalidade (Freire, 1997).

Nesse trecho, Paulo Freire reconhece suas duas inspirações principais: Marx e o cristianismo. E mesmo criticado por muitos, justamente pela sua tentativa uni-los, não há dúvidas de seu enquadramento nos marcos de pensamento denunciados por Nego Bispo. Nesse sentido, Bispo faz uma crítica precisa a diversos aspectos envolvidos na palavra “educação”, que seriam

aplicáveis a Paulo Freire e àqueles que fazemos educação tendo-o como inspiração:

Porque a educação, essa educação colonialista... Melhor dizendo, euro-cristã-monoteísta, que é essa educação que vocês fazem, inclusive Paulo Freire, ela é euro-cristã-monoteísta. Que a pessoa te ensina aqui para tu fazer acolá. Vai que daqui pra acolá tu esquece? Aí quando tu chega lá tu não sabe fazer. Então, isso é adestramento. Você fica dependendo, sabe, de um outro pra te dizer como é que você faz. Você fica dependendo de um outro para pensar por você. Então, a minha crítica a educação é essa, porque é essa educação vertical, que mercantiliza o saber, então esse saber mercantilizado, ele não dá conta de resolver as nossas questões (Bispo dos Santos; Kohan; Pereira, 2025, p. 3).

Nego Bispo critica a educação porque é adestradora no sentido de que ela geraria uma espécie de dependência e heteronomia na medida em que o estudante estaria sempre dependendo de um mestre que diga a ele como se faz. Ela é também vertical, autoritária e mercantiliza o saber. Finalmente, ela é uma palavra hegemônica e, como tal, é violenta, pois destrói a diversidade.

Certamente, são críticas que Paulo Freire compartilharia em relação ao que ele chamava de educação bancária (Freire, 1975). Nesse sentido, embora Nego Bispo esteja corretíssimo em associá-lo a um pensamento eurocristão, é menos justificável que Paulo Freire estaria defendendo uma educação para a dependência ou a heteronomia, quando precisamente defendeu, ao contrário, uma educação para a autonomia e a libertação. Da mesma forma, o autoritarismo e a mercantilização do saber têm sido inimigos permanentes na teoria e na prática de freireanas. É também possível que, mesmo com todas as suas boas intenções, exista nas bases do pensamento de Paulo Freire uma matriz que inviabilizaria alcançar essas pretensões emancipadoras ou libertárias⁶.

Nego Bispo continua e desdobra sua crítica à palavra educação:

Na condição de uma pessoa contracolonial, o que a gente precisa inclusive é mudar os nomes. Educação é um nome ruim. Eu fui adestrador de bois a partir dos dez anos de idade. Para que que eu adestro um boi? Para trabalhar para mim. Para que eu adestro um cachorro? Ou para ele trabalhar para mim ou para ele me servir de um

⁶ Temos feito uma leitura mais aprofundada da vida de Freire em Kohan (2019).

objeto de contemplação, de afeto, mas é para ele me servir. Não é para eu servir a ele, não. Para que você educa uma pessoa? Para ele trabalhar. Mas trabalhar para quem? Então, a educação... E depois a educação é um consenso, sabe? É uma hegemonia do ponto de vista do conceito. E todo conceito, toda hegemonia é violenta. Toda hegemonia destrói com as diversidades. Então, a palavra que vibra bem em mim não é “educação”, é “criação” (Bispo dos Santos; Kohan; Pereira, 2025, p. 4).

Nego Bispo expande seu pensamento sobre o caráter adestrador da educação, fazendo uma analogia com a própria vida de adestrador de bois. Nessa perspectiva, a educação não seria muito diferente na medida em que educamos as pessoas para trabalhar para um outro e não para si mesmas. Finalmente, ele critica a palavra “educação” por ser uma palavra hegemônica, consensuada: todo mundo concorda que a educação é importante, necessária, insubstituível – e, certamente, Paulo Freire participa e contribui para esse consenso. Segundo Nego Bispo, todo consenso é ruim e toda hegemonia é violenta, pois destroem as diversidades.

Não há como negar a potência dessa crítica. Contudo, nos interessa resgatar algo que Paulo Freire defendeu enfaticamente e que pode ajudar a pensar e afirmar uma criação contracolonial: uma pedagogia da pergunta (Freire; Faundez, 2017), que busca, sobretudo, alimentar a curiosidade que está na base de toda pergunta como princípio de uma criação contracolonizadora.

Nesse sentido, consideramos que, embora as críticas de Nego Bispo sejam pertinentes e atinjam em cheio a grande parte das práticas educativas contemporâneas, é necessário pensar como contrarrestar essas práticas a partir de práticas contracoloniais, contra-hegemônicas e contraembrutecedoras, desde o próprio sistema educacional. Nego Bispo não menciona a palavra “pedagogia”, embora muito provavelmente teceria a seu respeito considerações semelhantes às da palavra “educação”. De fato, se formos na sua etimologia, a palavra “pedagogia” – do grego *ped-agogias*, “levar ou conduzir a criança” – parece ainda mais problemática que “educação”.

Por isso, seguindo aqui a sugestão de Nego Bispo a respeito da denominação, nomearemos a pedagogia da pergunta como uma criação no

perguntar, junto de algumas outras palavras amigas. Temos apresentado uma pedagogia errante e filosoficamente menina da pergunta, de forma preliminar, em outros escritos (Kohan 2021, 2022), e aqui a descreveremos em seus aspectos mais singulares. Além de renomear a pedagogia como criação, preferimos o infinitivo “perguntar” em vez do substantivo “pergunta” e colocamos como sugestão, entre parêntese, a sua forma reflexiva, para sinalizar que não se trata da pergunta como produto externo do pensar, senão do ato íntimo e processual de pôr o pensamento em questão.

O perguntar(-se) é o contrário do responder: ele abre, convida, começa. Alimenta uma curiosidade que é um fator perturbador para a ordem colonial dominante. O perguntar(-se) é um ato que (nos) mostra como as coisas sempre podem ser de outra maneira: é o começo de um caminho aberto, em que o que parecia normal, natural e evidente pode se tornar primeiro estranho e artificial e, a partir dessa percepção, pode ser questionado, problematizado e recusado. O perguntar é o começo de uma vida outra e um mundo outro, especialmente quando se volta sobre a própria pessoa que pergunta e se torna um perguntar-se. Consideremos um exemplo simples: fala-se da descoberta de América em 1492 como algo óbvio. Assim figura em muitos livros de texto, e dessa forma muitas educadoras e educadores referem-se ao início da invasão colonizadora sofrida pela nossa terra Abya Yala. Certamente, um perguntar coletivo nos permitiria problematizar essa denominação – “descoberta”, que, como bem diz Bispo, é uma forma de dominação. Se, ademais, tornarmos esse perguntar reflexivo, poderíamos nos relacionar diferentemente não apenas com esse ato, mas com o impacto que ele tem sobre nossas vidas individual e coletiva: perda de mundos e exploração, por exemplo.

Uma criação no perguntar(-se) não é um método, instrumento ou recurso pedagógico. Não é algo a ser aplicado, mas algo que acompanha uma vida educadora: é uma forma de habitar as relações pedagógicas, uma sensibilidade. O perguntar(-se) que aqui estamos propondo recebe, ademais, as palavras “errante e filosoficamente menina”, de modo que não é qualquer criação no perguntar(-se), mas uma que afirma uma meninice, caracterizada como errante

e filosófica. O que isso significa? Primeiro, a meninice não é uma idade, mas um tempo. Assim, a criação no perguntar(-se) é menina não porque tenha poucos anos ou se pratique com pessoas de pouca idade, mas porque convida a habitar um tempo menino, entendendo por tal um tempo inquieto, curioso, criativo e também um tempo rebelde às pressas e às pressões do sistema: é o tempo “quando ainda não é demasiado tarde” (Couto, 2009, p.103), um presente focado no presente. Nesse sentido, uma criação menina no perguntar(-se) afirma não apenas a força e a potência dos começos, mas, sobretudo, que sempre é tempo de começar... Um novo começo na vida, no mundo.

Ao mesmo tempo, essa meninice do perguntar(-se) é errante e filosófica. Entendemos a criação como uma viagem. A errância é uma forma de deslocamento que — aprendemos com o mestre venezuelano Simón Rodríguez (2014) — descoloniza a viagem criadora na medida em que não coloca a figura educadora como aquela que determina o destino da viagem nem antecipa o ponto de chegada. Antes, faz com que as e os viajantes estejam muito atentos aos sentidos que a própria viagem oferece, e sugere que aprender a escutar (a si mesmo, às outras e aos outros) é uma das aprendizagens principais da viagem criadora. Nela, não é a pessoa educadora que sabe onde os estudantes devem chegar, mas são educadores e estudantes que viajam juntos, escutando e escutando-se, atentos aos sentidos oferecidos durante a própria viagem no perguntar(-se).

Por fim, é uma criação errante e filosoficamente menina no perguntar(-se) no sentido em que a filosofia é justamente um afeto, uma paixão, uma amorosidade que acompanha a viagem criadora. Alguém poderia pensar que seria mais interessante nominar a viagem com uma palavra menos colonizadora que “filosofia”. Pode ser. Quem sabe esse seja um próximo movimento. Em qualquer caso, consideramos que a filosofia não é um saber, mas uma relação ao saber, que alimenta, durante a viagem, o desejo de estar sempre a caminho de saber, confluindo e compondo saberes de forma horizontal e igualitária. Não se trata aqui de um saber filosófico ou filosofia, muito menos de uma tradição de pensamento dominante — a filosofia colonizadora, cristã —, senão de uma

forma de caminhar a viagem criadora que se alimenta e recomeça em cada perguntar(-se).

PARA CONTINUAR PERGUNTANDO-COMPARTILHANDO...

“Quem ensina, na verdade, são as perguntas”, afirma Nego Bispo. Será que perguntamos porque isso também significa um compartilhamento, uma forma de habitar o mundo? Perguntar(-se) é, dessa forma, compartilhar mundos? Tivemos, até aqui, a companhia de um pensador quilombola que nos ensinou sobre os desafios de recriar a educação para que ela não perpetue relações e estruturas coloniais. Desse modo, propomos a perspectiva de uma criação errante e filosoficamente menina no perguntar(-se), que nos convida a recomeçar. Com ela, recomeçamos o caminho da pedagogia, através de uma criação menina e filosófica no perguntar(-se). E se ela nos provoca a recomeçar, reeditar, compor, confluir e contar histórias outras, ela também se faz contracolonizadora. Eis o sentido da presente escrita: que possamos seguir perguntando, acolhendo, criando e confluindo com o pensamento original e originário do lavrador-criador-tradutor quilombola Antônio Bispo dos Santos.

REFERÊNCIAS

- BISPO DOS SANTOS, Antônio. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu; Piseagrama, 2023a.
- BISPO DOS SANTOS, Antônio. *Colonização, Quilombos: modos e significações*. Brasília: INCTI/UnB, 2015.
- BISPO DOS SANTOS, Antônio. Início, meio, início. In: SANTOS, Antônio Bispo dos et al. *Quatro Cantos*. São Paulo: N-1 Edições, 2022. v. 1.
- BISPO DOS SANTOS, Antônio. Entrevista com autor 2. São João do Piauí, PI, 17/11/2021. No prelo.
- BISPO DOS SANTOS, Antônio. Somos da terra. In: CARNEVALLI, Felipe et al. (org.). *Terra: antologia afro-indígena*. São Paulo: Ubu Editora; Belo Horizonte: PISEAGRAMA, 2023b.

BISPO DOS SANTOS, Antônio; KOHAN, Walter Omar; PEREIRA JUNIOR, Geraldo. Entrevista com Nego Bispo: “Eu lhe ensinei tudo que eu sabia, mas eu não sabia tudo que eu queria lhe ensinar”. *Trans/Form/Ação*, Marília, SP, v. 48, p. e025053, 2025. DOI: 10.1590/0101-3173.2025.v48.n1.e025053. Disponível em:

<https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/transformacao/article/view/17036>. Acesso em: 23 maio. 2025.

CARNEVALLI, Felipe *et al.* (org.). *Terra: antologia afro-indígena*. São Paulo: Ubu Editora; Belo Horizonte: PISEAGRAMA, 2023.

COUTO, Mia. *E se Obama fosse africano? e outras interinvenções*. Ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DAOU, Ísis. Da revolta ao sonho: um relato de pesquisa sobre imagens e imaginações em torno da bandeira do Brasil. *Recorte*, set. 2024, Disponível em: <https://revistarecorte.com.br/artigos/da-revolta-ao-sonho-um-relato-de-pesquisa-sobre-imagens-e-imaginacoes-em-torno-da-bandeira-do-brasil/>. Acesso em: 14 dez. 2024.

FREIRE, Paulo. *Última entrevista de Paulo Freire*. PUC-SP, São Paulo, 17 mar. 1997. Disponível em: <https://youtu.be/UL90heSRYfE?si=sMaCxDL9Qvta8amK>. Acesso em: 31 mai. 2024.

FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. *Por uma pedagogia da pergunta*. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

HINO à Bandeira do Brasil. Letra: Olavo Bilac. Compositor: Francisco Braga. Rio de Janeiro, 1906.

KOHAN, Walter Omar. *Paulo Freire: um menino de 100 anos*. Rio de Janeiro: NEFI, 2021.

KOHAN, Walter Omar. *Paulo Freire mais do que nunca*. Belo Horizonte: Vestígio, 2019.

KOHAN, Walter Omar. *Uma viagem de sonhos impossíveis*. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

RIBS, Matheus. *Refundar o país, demarcar territórios*. 18 set. 2020. Instagram: @o.ribs. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Cl8rofUsTZF/?igsh=ZjV4bjFhb2g0ZDVk>. Acesso em: 1 jun. 2024.

RODRÍGUEZ, Simón. *Inventamos ou erramos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

Recebido em: 14/12/2024

Aceito em: 20/05/2025

Publicado em: 20/10/2025